



GT 24. Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena

Coordenador(es):

Ana Flávia Moreira Santos (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Rita de Cássia Melo Santos (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Há algumas décadas o debate sobre protagonismo e “agency” vem se destacando na Antropologia, sobretudo em relação às populações indígenas. Se, por um lado, propostas vinculadas a esse movimento resultaram em uma mudança de perspectiva nos modos como essas coletividades são pensadas, por outro persiste uma dificuldade em compreendê-las como parte integrante e fundamental das múltiplas formações políticas brasileiras existentes nos períodos colonial, imperial e republicano. A outrificação e a externalidade desses grupos continuam a ser etnográfica e teoricamente produzidas, muitas vezes contrariamente à sua própria colocação política. Trata-se, em muitos casos, da manutenção de um certo exotismo, que teima em subsistir na Antropologia. Este GT pretende, ao inverso, reunir trabalhos que permitam apreender o protagonismo indígena em diferentes tempos e escalas, por meio de biografias e de modalidades associadas a essa forma narrativa (trajetórias, relatos autobiográficos, histórias de vida, etnobiografias). A escolha pelo gênero biográfico busca destacar os múltiplos trânsitos dessas populações, reconstruindo seus horizontes de possibilidade e ação a partir de situações concretas, presentes e passadas. Às contribuições teóricas do campo da Antropologia somam-se as reflexões da História, da Sociologia, dos Estudos Literários, num esforço de promover uma compreensão mais ampla do protagonismo indígena.

Afirmção étnica através de histórias de vidas indígenas Pankará, Semiárido pernambucano

Autoria: Edivania Granja da Silva Oliveira (IF SERTÃO PE)

A proposta deste artigo é destacar as histórias de vidas das principais lideranças, partícipes no processo de mobilização para afirmação da presença indígena na Serra do Arapuá e adjacências, relacionando com as dinâmicas de construção da identidade étnica dos Pankará imbricados nos ambientes que habitam, evidenciando as relações socioambientais, as redes e fluxos de trocas culturais com outros grupos étnicos habitantes no Sertão do São Francisco. As histórias de vidas foram registradas conforme metodologia da História Oral, concebidas como fontes através das memórias dos indígenas Pankará. Buscamos compreender os relatos de vida exercitando reflexões sobre os acontecimentos, acionados para compor a ?história? do entrevistado, ?considerada como história em relação ao espaço social no qual se realizam não é em si mesma um fim? (BORDIEU, 2006, p. 189). Para tanto, foram acionadas as memórias dos Pankará da Serra do Arapuá: a Cacica Dorinha, os pajés, Manoelzinho Caxeado, Pedro Limeira e João Miguel. As lideranças, Luciete Lopes e Manoel Gonçalves (Nenem). E Cacica Lucélia Leal, Pankará Serrote dos Campos, na perspectiva de uma história indígena discutida a partir das interpretações dos conhecimentos sobre a flora, fauna, os sentidos e significados atribuídos ao rio São Francisco e as nomeações dos indígenas para os diversos aspectos da Natureza, numa tentativa de exercitar a história dos Pankará nas dinâmicas de ocupação relacionadas às relações parentais e ambientais que são importantes na afirmação da identidade étnica dos indígenas. Portanto, a trajetória de vida compõe aspectos da individualidade, construção social e biológica. Então, tentamos compreender as narrativas das vidas dos Pankará como afirmação da identidade na Serra do Arapuá imbricados nos processos mobilizadores para o reconhecimento étnico, nas garantias de direitos e no acesso à terra.

[Trabalho completo](#)



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: